

O olhar do cuidador sobre o desenvolvimento emocional de criança em circulação

The look of the caregiver about the child's emotional development in circulation

Lesly G. Vicenzi de Oliveira*
Janari da Silva Pedroso**

Resumo: O artigo é fruto do fragmento da dissertação de mestrado de Oliveira (2012), defendida no Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará, que uniu conceitos antropológicos e psicológicos. O estudo ilustra um dos casos da pesquisa e reflete sobre como a rotina da criança na atualidade pôde ser modificada por entre os espaços sociais com diferentes cuidadores que acabaram por participar do desenvolvimento emocional e imprimiram modos de naturalizar as diferenças.

Palavras-chave: Cuidador. Desenvolvimento emocional. Crianças.

Abstract: The article is the result of the fragment of the Master's thesis presented by Oliveira (2012) in the Postgraduate Program in Psychology at the Federal University of Pará, which joined anthropological and psychological concepts. The study illustrates one of the cases of the research and reflects on how the child's routine today might be modified through the social spaces with different caregivers that end up participating in emotional development and printed different ways of naturalize the differences.

Keywords: Caregiver, Emotional development, Children

* Psicóloga Clínica e Consultora Empresarial. MBA em Gestão de Pessoas. Mestre em Psicologia pela UFPA. Artigo escrito a partir de fragmentos do segundo capítulo da dissertação de mestrado *Circulação de crianças: o olhar do cuidador sobre o desenvolvimento emocional* (2012). Pesquisa orientada pelo Professor Doutor Janari da Silva Pedroso, com bolsa CAPES. E-mail: lesly_vicenzi@hotmail.com

** Prof. Adjunto IV do Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica e Social da Universidade Federal do Pará (PPGP/UFPA). Pesquisador do Laboratório de Pesquisa: Desenvolvimento e Saúde (LADS/UFPA). Belém, Brasil). E-mail: jsp@ufpa.br

A pesquisa de mestrado de Oliveira (2012) embasou-se na teoria psicodinâmica sobre o desenvolvimento emocional, cuidador (es) e circulação de crianças. A visão interdisciplinar levantou a necessidade de utilizar mais de uma estratégia metodológica, para responder o problema da pesquisa e alcançar o objetivo. Desta forma, utilizou-se para coleta dos dados a entrevista semiestruturada e grupo focal com cuidadores, além da observação de um dia inteiro da criança. A análise de conteúdo de Bardin (2009) foi utilizada para avaliar qualitativamente as respostas das entrevistas, ou seja, analisar o material verbal. Utilizou-se, ainda, do ecomapa e de um viés da perspectiva proposta por Mauss (2001), os quais auxiliaram a montagem da rede social e a observação participante com registro em diário de campo e posterior análise, ao permitir identificar e interpretar os fenômenos em estudo (ANGROSINO, 2009).

Partindo das discussões da dissertação ilustrou-se apenas o caso do participante de nome fictício Nilson. Um menino de seis anos que estuda em uma escola particular situada em um dos bairros mais pobres da capital de Belém (PA). A instituição possui princípios religiosos. Diante do observado e analisado, ficou claro que os pais adotaram a escola, por saberem que, devido às novas obrigações sociais dos cônjuges, não se pode mais ter um lar tão organizado quanto outrora se acreditava que deveria ser uma família nuclear composta por seu pai, mãe e filhos, educados e felizes. A escolha é uma tentativa de manter estes costumes, mesmo que às avessas. Por isso, este ambiente confundiu tanto, não só os entrevistados, mas o pesquisador que, ao adentrar pela primeira vez, não viu apenas salas, carteiras e professores, mas pôde ver bicicletas, avós, mães, quintal, cheiro de comida caseira e roupas penduradas (anotações do diário de campo).

O menino mora próximo da escola no segundo andar da casa de sua avó paterna, com mãe, pai e irmão. A casa possui três cômodos, que ao todo completam aproximadamente 45 metros quadrados. A criança fica o dia todo praticamente na sala brincando com bonecos e bonecas imaginárias e em frente à única televisão da residência. O pai trabalha no táxi o dia todo, exceto aos sábados, pois segundo sua crença é dia de ficar com Deus e com a família. Sua mãe terminou a universidade e teve

que deixar de estagiar e trabalhar para cuidar das crianças (anotações do diário de campo).

Diante destes dados, fica claro que seus principais cuidadores são pai, mãe, além dos componentes do grupo escolar e religioso. Cuidadores estes que fazem uma ciranda em volta da criança que circula. Mas o que se compreende então, por circulação de crianças? Adotou-se o conceito de Igreja e Motta-Maués (2010) como movimento de novas formas de sociabilidade infantil em todas as classes sociais. Tais autoras acreditam que a circulação de crianças deve ser observada em suas nuances, intermitências e constâncias, mesmo quando um sujeito passa a responsabilidade sobre os cuidados da criança para outro, que a acolhe, nem que seja por alguns momentos. A responsabilidade é repassada de um adulto para outro, mas em campo foram observados outros sujeitos responsáveis que nem sempre são adultos. Notou-se, ainda, que os meios de comunicação se fazem presentes na sociabilidade infantil, constituindo-se em cuidados, visto que a mãe liga a TV para entreter a criança enquanto ela cuida dos afazeres domésticos.

Etimologicamente, o termo cuidar está relacionado ao termo curar. Desta forma, para curar alguém é necessário cuidar e, para prevenir algo, também é necessário cuidar. Portanto, estes dois verbos não devem ser considerados isoladamente (HOYOS; MAGNOLIA, 2006).

Cuidar é transmitir às gerações subsequentes um conjunto de experiências, com intuito de conservar e dar qualidade de vida. Então, o cuidado está intrinsecamente ligado à cultura. Esta é composta por núcleos e ambientes diferentes, que possuem particularidades inerentes a cada experiência do vivido e dão formas diferentes ao cuidar. Figueiredo (2009), Hoyos e Magnólia (2006) afirmam que o cuidador, a partir de suas próprias experiências ajuda o indivíduo a entender seu psiquismo, enfim, compreender a si mesmo.

O certo é que os cuidados representam conjuntos de ações, com o objetivo de manter a vida e permitir sua perpetuação. O modo de agir difere, pois cada cuidador que se responsabiliza pela criança em plena “circulação” possui uma sociabilidade distinta

uns dos outros. Desta forma, se comunicam com a criança a partir de sua própria concepção de cuidado. (FONSECA, 1995, IGREJA; MOTTA-MAUÉS, 2010).

Bott (1976) relata que a comunicação é elemento da estrutura social e, se for avaliada mais profundamente, frequentemente se percebe uma boa dose de variação entre os membros das suas redes, não somente no comportamento, como também nas normas. Assim, as experiências e percepções sobre o cuidado são mediadas pela cultura; portanto, emoções e pensamentos são incorporados no indivíduo por meio de símbolos, construídos e negociados publicamente (COSTA; PEREIRA, 1995).

Pode-se afirmar que por meio dos cuidados, constrói-se a vida emocional, pois o humano é um ser social e necessita do outro para sua sobrevivência, pois o ambiente é de extrema importância para formação do self do sujeito (WINNICOTT, 1990). Desta forma torna-se imprescindível conhecer o que pensam os cuidadores de crianças para compreender ações e comportamentos de cuidados que permeiam o emocional em franco desenvolvimento.

A cuidadora, mãe de Nilson, diz que a “formação moral e o caráter são importantes na educação dos filhos” (notas da entrevista). Sustenta que hoje as crianças estão vendo muitas coisas e isso a deixa preocupada. Com toda certeza, esta percepção a faz ser diferente nos cuidados com seus dois filhos, tanto que não os deixam brincar na rua, declara que um rapaz foi morto na esquina de casa e teve que fechar a janela para os meninos não verem (notas da observação). Sendo assim, de acordo com épocas e lugares, a sociedade fabrica estereótipos e modelos de comportamentos que se inscrevem no corpo. Limita-se a dor, a excitabilidade e a resistência de acordo com cada cultura, que é aprovada ou desaprovada coletivamente e não em funções particulares (MAUSS, 2001).

Para Mauss (2001), o uso rigoroso do corpo fabrica máscaras sociais. Por meio da educação das necessidades e das atividades corporais, as estruturas sociais imprimem marcas nos indivíduos. Os pais impedem a criança de se comunicar com seus pares mais próximos e vizinhos, por medo do que eles lhes possam causar. Todavia, os pais incentivam a criança a dialogar com o eletrônico ou apenas com pessoas que julgam ser

dignas de contato. A mãe de Nilson admite que tem medo de permitir que a criança brinque com os meninos da rua por eles terem princípios diferentes do dela e falarem palavrões.

Armani (2012) frisa que no mundo contemporâneo o risco está em tudo e em todos, pois os sujeitos mapeiam causas antes do acontecido em um esforço neurótico de controlar o futuro. A mãe do menino não difere do descrito pelo autor, ela conta que não gosta nem que o menino desça para a casa de sua avó, pois ela não tem sentimentos religiosos e é ressentida até hoje por ela não ter tomado medicação para abortá-lo (notas da entrevista e observação).

Constatou-se uma preocupação dos pais em controlar a criança emocionalmente e fisicamente. Hayeck (2009) cita que em bairros pobres perdeu-se a vontade de viver no exterior e os seres interiorizam-se em busca de segurança e como forma de defesa. De acordo com o que descreve a autora, percebe-se que os cuidadores de Nilson o colocam dentro de casa praticamente o dia todo, em contato com os ensinamentos religiosos e com o mundo eletrônico com poucas opções de jogos e muita música religiosa, fazendo-o menos participativo e aparentemente alheio ao que se passa ao redor, visto que nem na janela ele pode olhar (notas da observação e entrevista).

Tais instrumentos, quando analisados, permitem observar que são utilizados para impedir, de alguma forma, a circulação do menino. Os ensinamentos religiosos mostram os erros que não se deve cometer, bem como o que deve ser seguido e de que forma se comportar, sem pestanejar. Portanto, a religiosidade constitui, para além da escola e da família, outro cuidado pelo qual a criança circula e é cuidada cotidianamente. Todos os dias esta criança ora na escola, agradece pela manhã, pelo amigo, por tudo, além de orar em casa às cinco da manhã e seis horas da tarde, com sua mãe e seu pai, conforme visto na casa de Nilson no período vespertino (notas da observação). Assim, a religiosidade passa a ser um elemento estruturante da subjetividade.

Mauss (2001) afirma que a religião traz regulamentos que regem a vida em comunidade. Impondo limites às satisfações sexuais ou agressivas, mediante a humanização imaginária da morte e da natureza, o indivíduo encontra condições

inacessíveis para pensar além das normas previamente delimitadas pela sua religiosidade. O pai de Nilson declara que suas idéias em relação ao cuidado de crianças estão baseadas em valores, ensinamentos e princípios cristãos. Inclusive, cita que é estranho o menino gostar de brincar de bonecas e da cor rosa quando sabe que é contra as leis naturais um menino gostar de coisas de menina (notas da entrevista).

A religião reprime os instintos e os cerimoniais canalizam a energia reprimida, dando ao sujeito uma forma de suportar a realidade por meio de seus cuidados (FREUD, 1974). Assim, o sujeito que não fizer parte consciente da mesma religiosidade se torna diferente, isso se materializa em uma repugnância que, aparentemente, passa ser tão natural quanto cotidiana, não apenas para a criança, mas para os cuidadores também.

Diante dos fatos observados, foi possível notar o quanto as práticas cotidianas transmitidas a esta criança a torna um ser que repugna as diferenças como algo totalmente natural. Tanto que o menino descreve que na turma do terceiro ano tem um menino que não segue o caminho de Jesus, um “menino perdido.” Relata que o amigo de classe, Kaká, vê o programa dos “Rebeldes,” que ele também gosta, mas a sua mãe não pode saber, pois não é de Deus (anotações do diário de campo). Esta naturalização da desigualdade é apresentada por meio de muitos atos e discursos, que este vivencia não só no lar, mas na escola, na mídia permitida por seus pais, na vizinhança e etc.

A criança, que ainda não sabe em quem acreditar, acredita em conteúdos descarregados por seus cuidadores e em suas próprias vivências, enquanto participante. Durante a observação em casa, Nilson diz para a pesquisadora que não é para falar para ninguém, mas ele acha “lindo rosa, mas Deus não o perdoará se ele gostar de coisas de meninas” (anotações do diário de campo). Além de escutar, o sujeito experimenta em suas relações as marcas da sociabilidade, na qual, infelizmente, se materializam sentimentos naturais diante das desigualdades (SPINK; SPINK, 2006). A análise demonstrou o quanto a criança pesquisada está envolta pelo mesmo sentimento de repugnância em relação ao que difere, pois os grupos dos quais é permitida a circular possui os mesmos preceitos, valores e normas.

Bott (1976) preconiza que, se muitas normas diferentes e contraditórias são interiorizadas, o indivíduo constrói algumas em detrimento das outras. Normas pessoais podem ser indiscriminadamente tratadas como normas sociais. E como elas são adquiridas e aceitas a nível social? Bott (1976) considera que é mais fácil o indivíduo interiorizar normas quando vive em grupos do que quando vive em redes. Nesse ponto, observou-se uma questão interessante: os pais de Nilson se preocupam em matricular a criança em um centro educacional onde se priorizam os mesmos princípios cristãos nos quais acreditam e cuja diretoria se preocupa em manter professores com os mesmos preceitos. Assim, mantém-se o grupo. Desta forma, há pouca necessidade de seleção de um novo arranjo interno, dado que a maioria dos pais e alunos também concorda com os princípios morais (notas da observação).

Outro momento relevante durante a observação foi quando Nilson é chamado atenção em sala de aula, por fazer bagunça no momento da aula. A professora o chama para o canto e o observador só consegue ouvir: “Você lembra o que sua mãe disse ontem quando íamos no seu carro?” O menino ri e diz que não vai mais fazer se ela não contar para os pais dele (notas da observação).

Esta forma de disciplinar realizada em sala é acordada entre pais e mestres, o grupo fecha-se. Assim, o ato pode impor tanto medo na criança, que qualquer tentativa de experimentação pode ser retaliada. Nilson aprende que deve temer fazer algo diferente, deve achar natural temer a mãe em vez de respeitar, amar e ser criativo. Assim, o medo se naturaliza diante dos pais e de todos que hierarquicamente estão na posição de superiores, inclusive Deus. Isso ocorre quando se estereotipa o extremo da obediência: coloca-se na figura do subalterno o estereótipo do temor ao superior (SPINK ; SPINK, 2006).

Spink e Spink (2006), acertadamente, sustentam que as desigualdades são fruto de contradições entre acontecimentos e possibilidades. Nilson se vê subjugado diante do poder da professora, pelo simples fato de que ela pode informar seus pais sobre sua “tolice” (notas da observação). Para os autores, a naturalização é fruto de inclusão ou exclusão de elementos explicativos. Neste caso, “seria melhor explicar para o aluno que

não era o momento, em vez de aterrorizá-lo diante dos possíveis castigos, caso repetisse o ato” (grifos dos autores). Assim, os produtos são transformados em fatos autônomos, geradores de consequências inevitáveis.

Então, é notório que esta criança está impedida de pensar ou fazer algo que não seja da providência Divina, pois há amarras estruturais que permeiam a socialização dela. O que leva a crer que o diferente não pode existir, exceto se for apresentado por seus cuidadores. Assim, para uma criança, ou para um ser em qualquer idade, fica difícil aceitar algo que fuja a estas normas morais tão bem fixadas por relações tão estreitas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato é que as mudanças na família transformaram de certo modo a socialização das crianças, o que acarretou o surgimento de várias instituições de vida coletiva que tentam se adequar as novas exigências destes pais que não sabem ao certo o que podem e devem cobrar destes cuidadores. Em contrapartida, estas instituições fixam limites e subdividem o período da infância. A criança passa a ser compreendida por um saber determinista, psicológico, que delimita a normalidade social desse desenvolvimento.

Dentre estas instituições, observam-se as escolas que oferecem meio período ou período integral; micro-ônibus escolares; babás; centros de diversão oferecidos em shoppings e supermercados, que facilitam a circulação dos adultos enquanto os pequenos se divertem; hotéis infantis; playground em lanchonetes; salas de criança em igreja; programas televisivos; jogos infantis de computador, dentre outras novas instituições de organização social que controlam o funcionamento da sociedade e dos indivíduos e refletem no cuidado de crianças.

O fato é que, durante a circulação a criança passa por uma construção social que se projeta na realidade emocional e a realidade percebida pode ter como pano de fundo o medo do visível e do invisível, pois estes cuidadores acreditam que a única alternativa é impedir que a criança circule para além de suas barreiras. Os responsáveis buscam relações que não necessariamente se originem no vínculo de parentesco e

consanguinidade, mas que comunguem dos mesmos preceitos morais, o que deixa a criança apática diante de possibilidades.

Estes cuidadores acreditam que o desenvolvimento emocional no contexto de circulação de crianças está pautado, inconscientemente, na interdição da ampliação das redes sociais, para que o filho não trilhe por outro caminho. Como não conseguem viver sem relações, buscam grupos com características mais fixas e ligações fortes.

Mas hoje, por mais que estes pais tentem viver em grupos, no momento em que abrem suas portas e deixam outro sujeito, como o empregado doméstico, entrar em seu lar, ligar a televisão e colocar em um programa, ou ainda quando deixam suas crianças acessar a internet, mesmo sob seu olhar, há atuação de diversos ambientes e contextos de cuidados pelos quais os pequenos sujeitos passam ao longo do seu dia. E como estes infantis sabem das interdições que seus cuidadores possuem, sentem culpa por desejarem o contrário, em razão do ambiente social do qual participam.

Como a dinâmica familiar atual não se dissocia da realidade social da circulação de crianças e esta é uma mobilização em relação aos cuidados, orientação e socialização delas. A perspectiva psicodinâmica adotada compreende que este contexto é um dos caminhos possíveis para compreensão do desenvolvimento emocional na atualidade, tendo em vista que a sociabilidade ocorre para além da escola e do ambiente doméstico, mas nos espaços públicos e privados de brincadeira, nas atividades extraclases, no trânsito, na TV, no computador e etc.

Concluiu-se que a realidade emocional da criança que circula é totalmente diferente do que se tem descrito na maioria das pesquisas que versam sobre o desenvolvimento emocional de crianças. É também diferente da realidade ainda existente sobre a família nuclear totalmente estável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Rio de Janeiro: Artmed, 2009.

ARMANI, Carlos Henrique. A História e a temporalidade do risco. **REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA & CIÊNCIAS SOCIAIS**, v.4, n.8, p. 369-383, 2012. Disponível em: http://www.rbhcs.com/index_arquivos/Artigo.Ahistoriaeatemporalidadedorisco.pdf, acesso em 10/04/2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições 70, 2009.

BOTH, Elizabeth. **Família e rede social**. 2.º ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

COSTA, Livia. Alessandra. F.; PEREIRA, Antonio. Marcos. Expressão de tristeza em camada popular urbana de Salvador, Bahia, Brasil. In: **Cad. Saúde Públ.**, v. 11, nºs. 3, p.448-455, 1995.

FIGUEIREDO, Luís. C. láudio. **As diversas faces do cuidar**: novos ensaios de psicanálise contemporânea. São Paulo: Escuta, 2009.

FONSECA, Claudia. **Caminhos da adoção**. São Paulo: Cortez, 1995.

FREUD, Sigmund. (1974). Totem e tabu. In S. Freud. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**(Vol.13, p.11-191). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1913).

HAYECK, Cynara. Marques. Refletindo sobre a violência **REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA & CIÊNCIAS SOCIAIS**, v.1, n.1, p. 1-8, 2009. Disponível em: http://www.rbhcs.com/index_arquivos/Artigo.Refletindo%20sobre%20a%20viol%C3%A2ncia.pdf, acesso em 16/03/2013.

HOYOS, González; MAGNOLIA, Dolly. Educar para el Cuidado Materno Perinatal: Una propuesta para reflexionar. In: **Haciapromoc.Salud**. Argentina, 18, sept, 2006. Disponível em: http://promocionsalud.ucaldas.edu.co/downloads/Revista%2011_9.pdf, acesso em: 25 Mai. 2010.

IGREJA, Daniele. Greice. Lopes.; MOTTA-MAUES, Maria. Angélica. “Criar”, “cuidar”, “sustentar”: conhecendo famílias em Belém (“circulação de crianças” e socialização entre camadas populares e médias). In: **Reunião Brasileira de Antropologia**, 27, Belém. Anais. Belém: UFPA, 2010. p. 132.

MAUSS, Marcel. **Ensaio de sociologia**. São Paulo: Editora perspectiva, 2001.

OLIVEIRA, Lesly Guimarães Vicenzi de. **Circulação de crianças**: o olhar do cuidador sobre o desenvolvimento emocional. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Psicologia), Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

SPINK, Mary, Jane; SPINK, Peter. **Práticas cotidianas e naturalização da desigualdade**: uma semana de notícias nos jornais. São Paulo: Cortez, 2006.

WINNICOTT, Donald. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

**Recebido em Maio de 2013.
Aprovado em Dezembro de 2013.**